

Encontros que se desdobram

Antônio Frederico Lasalvia

antonio.frederico@thenewcentre.org / 03.12.2025
Cérebro (de Gustavo Ciríaco e FAHR 021.3)



A sala está cheia de pessoas. Os corpos que deambulam pela galeria envolvem-me em movimento. Sempre que posso, troco olhares com eles. Alguns visitantes ficam intrigados e tentam decifrar o meu propósito na circunstância em que me encontro. Apesar de estar deitado no chão, dobrado sobre mim mesmo, não existe o risco de alguém tropeçar acidentalmente sobre as minhas margens. Ali estou eu, um obstáculo latente, assinalado por um padrão regular criado com tinta brilhante e fita refletora. O contraste marcante funciona como um uniforme, e parece que acabei de sair de um estaleiro de construção, ou de um aeroporto.

Partilho o espaço com sete outros, iguais a mim. Juntos totalizamos oito. Cada um de nós apresenta articulações visíveis, que dividem a nossa linearidade em módulos de acordo com simples partições, como metades, quartos etc. Dado que estamos divididos como uma régua que muda de escala abruptamente, ocorre uma dissonância visual quando somos dobrados. O efeito assemelha-se a um tabuleiro de xadrez dessincronizado, ou a uma grelha faseada — é uma cena polirrítmica. A precisão irracional da nossa disposição invoca uma dimensão técnica na nossa arte, como se fossemos os instrumentos usados por um topógrafo louco para realizar um levantamento surreal. Mas qual é o nosso propósito?

Algumas fotografias na parede mostram-nos integrados em paisagens. Somos enquadrados a flutuar no oceano, pendurados em árvores ou equilibrados em escarpas vulcânicas. Apesar de termos sido transportados recentemente para este espaço de paredes brancas, ainda apresentamos manchas de sal e as nossas superfícies quadradas estão todas riscadas. Isso confere à galeria uma atmosfera de realidade: não somos modelos intocáveis de uma ideia abstrata, mas artefactos reais indexados ao mundo real que existe no exterior.

As nossas articulações sugerem que podemos ser desdobrados de diferentes maneiras para assim sermos utilizados. Por enquanto estamos convenientemente arrumados, fechados sobre nós próprios. Contudo, à medida que convencemos os seres humanos a manipular-nos, surgem novas camadas de escultura. Alguns mais aventureiros levantam secções dos nossos corpos acima das suas cabeças, enquanto tentam equilibrar membros que erraticamente tocam no chão. Outros ajudam-nos rapidamente a estruturar a anatomia híbrida antes que o colapso iminente ocorra. É uma estranha dança.



Apesar de sermos mais leves do que parecemos, as nossas articulações imprevisíveis constituem, ainda assim, algum perigo. As juntas têm uma vontade própria e uma secção pode ceder inesperadamente sobre uma cabeça ou os dedos se formos manuseados sem cuidado. Isso cria um sentimento de devoção nas pessoas que interagem connosco. Para os que observam a ação, esta negociação improvisada assemelha-se a uma performance.

Seremos arte? Apesar de muitas mãos nos terem manobrado, o nosso enigma não é resolvido por uma solução única – porque existem muitas. Os graus de liberdade da nossa construção articulada oferecem possibilidades para lá da exaustão, mas não revelaremos tudo o que podemos fazer de imediato. As nossas disposições mais preciosas são situadas e só se manifestarão perante uma ocasião particular. No nosso mundo retorcido, o nosso destino é desdobrar encontros inusitados.

CA



CENTRO DE ARTE MODERNA
GULBENKIAN

M